

Cultura na Província

EUGÊNIO FRAGOSO

A questão da Cultura, em Brasília, volta à baila através da revista *Veja* da semana passada, em tom bastante polêmico.

O marasmo cultural existe, sim, e ninguém poderá negá-lo. Acontece que, alguns enfoques dados ao problema não são exatos, do ponto de vista científico, social amplo, além da reportagem haver omitido algumas causas básicas dessa desinformação do brasileiro.

Não estou disposto a confrontos com pessoas ligadas à administração da Cultura, nesta cidade, mas farei considerações sobre a opinião de Luiz Humberto, figura de proa da intelectualidade local, veiculada em edição do *Jornal de Brasília*. Diz ele que um "processo cultural se faz a base de questionamentos, indagações e inquietações". **Absolutamente correto!** Em geral as pessoas pouco aptas para o diálogo não aceitam o risco de serem convencidas por outrem, da sua própria ignorância (no mais puro sentido etimológico do termo). Daí, estarem sempre em representação nos salões oficiais, rondando as mesas de fios d'ovos, queijos e vinhos e bebericando o "Special reserve" do anfitrião. As motivações pessoais, então, perdem-se na anarquia do espírito. Entretanto discordo de Luiz Humberto quando afirma que "as autoridades culturais locais preferem o convencional, o tradicional e o de já-vu".

Tal assertiva atrai a idéia da divisão entre "arte popular", "arte de vanguarda", e "arte clássica", "erudita", "elitista". Perdoe-me o fotógrafo Luiz Humberto se estou indo longe demais nas minhas conclusões. Pelo sim, pelo não, necessário se anotem duas coisas fundamentais: 1ª a crise intelectual reside justamente no fato de poucos terem dela a consciência; 2ª "para passar da mera emoção sem sentido à emoção artística, ou suscetível de se tornar artística, essa sensação (a base de toda a Arte) tem de ser intelectualizada", como bem salienta Fernando Pessoa. Logo, muita cautela temos de ter com as "modernidades demagógicas". Antes de buscar-se a legítima conquista dos chamados "espaços culturais vazios", pelo berro, ou de patrulhar a cultura, com sabor de totalitarismo, é preciso ver o que há de errado nas cabeças de uns tantos, homens do Governo, ou não.

Distinguir-se uma *Volksgelst* e tentar interpretá-la, exige algo mais do que a simples vontade de ser artista. Este, se possuir autêntico talento, vencerá apesar das adversidades; se for mediocre, cada uma de suas obras, cada gesto seu, no campo artístico, o afastará da Arte, mais e mais, não obstante possa o aparato oficial, a máquina do Estado, serem colocados ao seu serviço (o que constitui, sempre, uma imoralidade).

Toda cultura é seletiva, e o "crescimento natural" é encarado com certa reserva até mesmo pelas esquerdas pensantes. Uma das preocupações dos que propugnam o estabelecimento de uma "nova ordem cultural", é justamente o "que fazer" com alguns aspectos da chamada "cultura burguesa". Nas Repúblicas Socialistas Soviéticas, as "artes burguesas" desmentem, admiravelmente, o destrutivismo de algumas pessoas, ainda que bem intencionadas.

Movimentos culturais só podem

ser levados a sério quando primarem pela coerência intelectual e pela essência do que apresentam. O mais, é gapagueamento estéril de botequim, literatrice "pour épater...". Essa história de sair por aí na base do "Gente, cheguei!", não convencerá o público sério, ou sensibilizará a quem esteja numa esfera mental superior. Não se vive em torno de uma "cultura alemã", de uma "cultura brasileira", de uma "cultura brasiliense". Do contrário, é a limitação, a compartimentalização do Espírito. Como disse um diplomata brasileiro meu amigo, devemos enxergar a cultura dos homens verdadeiramente cultos. O resto, não passam de asneiras. A iconoclastia é fruto da irresponsabilidade social e moral.

A obras de arte deve ser universalista, no sentido qualitativo, o que requer, basicamente, valores genuínos e não imbecis ao serviço de quem detém cargos em comissão. Isto não tem nada a ver com os administradores da Fundação Cultural, em particular, pois trata-se de verdade incontestável em todas as latitudes e longitudes. A arte transcende os espaços, é intemporal! Seria possível estabelecer-se uma hierarquia entre a literatura de cordel e a poética camoniana? E uma questão de critérios e de valor intrínseco de cada uma. O mais é tendenciosismo! Pode o Bumba-meu-Boi conter-se nos mesmos critérios dos Choros de Villa-Lobos? Um Oratório de Bach está no mesmo nível de uma canção popular alemã da época (e o mestre do Barroco alemão valeu-se da temática de várias canções "do povo", o que vem mostrar como a dicotomia arte popular, arte erudita é uma refinada bobagem? O samba de uma nota só "é formidável, só que dentro dos critérios da música popular.

Alguns populistas tupiniquins (não é o caso do Humberto), ao invés de reclamarem pela maior participação, apenas, do povo nas manifestações culturais, partem agressivamente para a derrubada dos valores perenes, impropriamente chamados de tradicionais. Lênin, repito, convive muito bem, desde 1917, com o Bolchoi, o L'Hermitage, o Ballet de Kiev, etc, etc. E agora?

Todo o problema, nesta cidade, ao meu ver, gira em torno de competências e incompetências, já amplamente testadas no terreno cultural.

Repete-se, em Brasília, a cada dia, a fábula do *Asinus ad Lyran*: olham as coisas sem saber o que significam. O grave, porém, é que essas "coisas", em regra, custam muito caro aos cofres públicos e não satisfazem como manifestações artísticas, não porque sejam "convencionais" ou "tradicionais", no sentido que Luiz Humberto, possivelmente tenha dado na sua entrevista, mas por serem de má qualidade artística. A produção, em geral, é péssima, e provoca comentários pouco abonadores nos meios intelectuais serios, inclusive, de outros centros do País.

Finalizo concordando com Luiz Humberto em outro ponto: Brasília nunca foi a Corte, a não ser nominalmente. E, sim, doa a quem doer, uma província, um "município" sem expressão cultural alguma. Quem achar ruim, ou é muito burro, ou ingênuo, ou está alimentando outros interesses não compatíveis com o desenvolvimento das Artes.